



Edição especial



12.º Concurso de
Actividades Artísticas / Culturais
Nova Atena

2022

Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

2022

ÍNDICE



AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Carlos Baptista	Mar, o nosso horizonte.	2
Faustino Vital	A fábula do livro	3
Francisco Lourenço	No nosso abrigo	4
Francisco Lourenço	Reconstrução e Paz	5
Francisco Lourenço	Venham ver, venham ver o que está a acontecer!	6
Guida Santos	O mundo é tão maravilhoso	7
Isabel Pernes	As andorinhas	8
Jorge Proença	Desembrulhando um não	9
Jorge Proença	Era uma vez uma gota de orvalho	10
Jorge Proença	Ucrânia	11
Maria da Conceição Areias	E agora Mariana!	12
Maria da Graça Cêncio	Em busca do Norte	13
Maria da Graça Cêncio	Um homem tem de viver cheio de luz	14
Maria da Graça Cêncio	O tejo da minha vidas	15
Maria da Graça Cêncio	Levou-me um livro em viagem	16
Maria de Lourdes Santos	ViVas(VV) à Vida Valiosa	17
Maria Luísa Machado Rodrigues	Gaivotas	18
Maria Luísa Machado Rodrigues	Inolvidável sensação	19
Maria Luísa Machado Rodrigues	Para um novo dia	20
Maria Luísa Machado Rodrigues	Nascia!	21
Marina Brandão Lucas	Crespurizão. Os garimpeiros de ouro	22



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos dias!

nome

Carlos Baptista

género

POESIA PROSA

título

Mar, o nosso horizonte

Mar, o nosso horizonte.

Era um dia de sol e céu limpo naquela vila, virada a sul na ilha de S. Miguel dos Açores. Bendito mês de Agosto que nos brindava com o céu sem nuvens e um mar azul e transparente. As ondas deslizavam lentamente sobre a sua superfície abraçando e acariciando as rochas negras, muito negras, junto à costa. Nas estações que precederam o verão de 1968, incluindo a Primavera, as nuvens persistiram, constante e teimosamente, sobre as nossas cabeças, cobrindo toda a ilha e não permitindo vislumbrar o horizonte. O “capacete” de nuvens potenciava, ainda mais, a sensação de isolamento. Até parecia que não havia mais mundo para além da nossa ilha. A internet ainda não tinha nascido e a televisão ainda não alcançava a ilha, assim, o que sabíamos do resto do mundo chegava-nos pelas ondas da rádio que duas vezes por dia, ao meio-dia e às oito da noite, transmitiam o noticiário muito filtrado pela polícia política de então.

Os jornais locais eram poucos, com poucas folhas, e notícias desinteressantes. “Morreu o senhor Fulano vítima da doença de que padecia “. “Regressou, em gozo de merecidas férias, o senhor Sicrano”. Claro está que quando a notícia era publicada, metade da população da Vila já tinha assistido ao enterro do senhor Fulano, e toda a gente já sabia que ele tinha morrido.

As novidades mais recentes eram trazidas pelos que regressavam de férias. Os estudantes de Coimbra ou de Lisboa que, em surdina, falavam das revoltas geradas nas universidades francesas e que se estavam a espalhar nos meios estudantis portugueses.

Falavam das cheias na região de Lisboa que ocorreram em Novembro de 67 que causaram um montão de mortes, e que quase não foram noticiadas pelos jornais e rádios.

Outro tipo de novidade era trazido pelos “calafonas “. Era assim que apelidávamos os que emigravam para a Califórnia. Vestiam todos da mesma maneira, como se fosse um uniforme; calças de ganga, camisas de manga curta muito coloridas com desenhos de flores e boné de pala. E falavam muito daquele país tão rico onde todos tinham oportunidade de ter vida digna e confortável.

O Manuel da Arruda, contava a um grupo de seis pessoas sentadas nas escadas do adro da igreja matriz, como era a sua vida na América. Tinha quarenta e cinco anos, emigrara há dez e voltava, pela primeira vez, de férias. Carpinteiro de profissão ganhava bem a vida.

- Lá na América todas as estradas são alcatroadas e os carros automáticos, nem é preciso meter mudanças e toda a gente tem em casa uma “friza” (frigorífico) e uma “talavêz” (televisão) a cores e um fogão a gaz ou a eletricidade. Lá ninguém usa lenha para fazer comida. E os colchões? Os colchões são de molas, macios que até dá gosto! Lá não há colchões de folha de milho!

E todos os ouvintes, de boca aberta e olhos arregalados, embasbacados com tanta fartura. Frigoríficos lá na Vila havia apenas meia dúzia. Só as famílias mais abastadas é que tinham este luxo em casa.

E o Manuel, camisa colada ao corpo pelo suor provocado pelo excesso de calor e humidade, continuava o seu discurso, falando que lá comiam carne picada e frango frito temperados com ketchup e maionese. A comida era boa, mas não tinha o sabor da nossa caçõila.

- E o mar? É assim como o nosso? pergunta o Mário, rapaz de catorze anos, olhos vivos e pele queimada.

- Não há mar onde vivo. O oceano mais perto fica a mais de trezentos quilómetros, respondeu o Manuel.

- Então não quero ir para essa fartura toda. Sem o mar por perto nunca poderia ser feliz, respondeu o Mário.



Nova Atena

Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

gênero

POESIA PROSA

título

A fábula do livro



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

A FÁBULA DO LIVRO

Num belo dia de Verão em que apetece passear, o Livro-pai levava pela mão o seu pequenino Livro-filho. Era o tempo de aprendizagem perfeito pois descrevia-lhe a natureza: as montanhas, o céu, as florestas, os rios e o mar. Sempre que tinha a oportunidade transmitia cultura, abria o seu próprio livro para dizer o que ele continha e passava assim os seus saberes para o pequeno livro que os guardava ansioso e zelosamente. Este foi crescendo em folhas e sabedorias aprendidas, em frases que explicavam e faziam sentido entre si, na riqueza de todas as ciências conhecidas e, ao crescer fez-se adulto e passou a chamar-se simplesmente enciclopédia.

O livro, na sua generalidade, esse objecto, rectângulo fino ou volumoso, aglomerado de papel em folha e cartolina dura, por vezes forrada a tecido ou couro, fazendo capa de protecção, sedoso ou liso e por vezes brilhante, com caracteres diversos impressos, na sua inerte quietude, que encerra histórias, personagens, modos de vida, desgraças e felicidades, honestidades e traições, deseioso de contar o que vai do seu primeiro ao último capítulo, em espera permanente que leitor voraz pegue nele e não o largue. Ele que tem a faculdade de abrir as fechaduras da ignorância melhor do que qualquer chave e nos leva a todos os cenários imagináveis, nos transporta para inúmeros locais insólitos, conhecidos ou desconhecidos. O livro que, com as suas letras formando um emaranhado de palavras, que unidas e atadas entre si formam um barco que flutua nesse mar imenso que é a cultura, passa a ser o companheiro silencioso e educado do nosso quotidiano e nos ensina as mil e uma palavras que dantes não conhecíamos.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

No nosso abrigo



NO NOSSO ABRIGO

Anda e vem comigo

Porque eu só quero estar contigo!

Estar contigo

E bem juntinhos, no nosso abrigo

No Alentejo e só contigo!

E só contigo no nosso abrigo!

No nosso abrigo, à beira-rio

E bem juntinhos, não temos frio

No Alentejo, todo doirado

No nosso abrigo de braço dado!

E de mãos dadas ao pôr do sol

Vamos os dois para todo o lado

Para o nosso abrigo abençoado

Vamos os dois de braço dado

Pró nosso abrigo, para qualquer lado!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Reconstrução e Paz



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



RECONSTRUÇÃO E PAZ

24 de Fevereiro de 2022

Tanques Russos invadem a Ucrânia
Exército defensor bem entrincheirado
Defende o seu território bem-amado!

Putin justifica que não aceita
Possível adesão da Ucrânia à NATO
O país quer, mas não pode
Escolher a cor do seu sapato

Rússia ataca por terra, mar e ar
Provoca morte e dramática destruição
As armas mais fortes de um povo
São a sua moral e forte razão!

A resistência é heroica e feroz
Muitas baixas no exército invasor
Milhares tentam fugir da guerra
Minuto a minuto, separação e dor!

Por cada prédio bombardeado
E com surpresa e igual verdade
Logo surgem Soldados da Paz
A dar coragem à sua cidade!

Soldados da Paz e Proteção Civil
Dão exemplos aos “senhores da guerra”
Arriscam as vidas no salvamento
Plantam esperança na sua terra
Apagam chamas de tanto tormento!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

gênero

POESIA PROSA

título

Venham ver, venham ver, o
que está a acontecer



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

VENHAM VER, VENHAM VER, O QUE ESTÁ A ACONTECER!

Venham ver, venham ver, o que está a acontecer!
O clima está mudado, a natureza a morrer
Os animais a fugir, a floresta a arder
Não têm para onde ir, que mais irá acontecer?

Venham ver venham ver!
Olhem aqui no Polo Norte, muito gelo a derreter
Se não se mudar de rumo, muita cheia vai haver
Muitas pessoas a fugir, da sua terra natal
O que está a acontecer, é a vitória do mal!

Venham ver venham ver!
Um Planeta poluído, muitos vírus a nascer
Vacinar não vacinar, tantas dúvidas a crescer!
Um Planeta dividido, muitas pessoas a sofrer
Ricos de barriga cheia, muitos, muitos sem comer!

Venham ver venham ver!
Como chegámos até aqui, vamos ter que perceber!
Temos que mudar de rumo, para o bem poder vencer
Os ditadores deste mundo, estão todos a tremer
Eles sabem muito bem, que um dia vão perder!

Venham ver venham ver!
A invasão da Ucrânia, por Putin ordenada
E a resistência de um Povo, contra a vitória anunciada!
Um raio de luz brilhante, no horizonte a nascer!
A paz no Mundo a chegar e a natureza a renascer!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Guída Santos

género

POESIA PROSA

título

O mundo é tão maravilhoso

O MUNDO É TÃO MARAVILHOSO!

A música dá um certo movimento ao ambiente da casa onde ele se encontra sozinha. É um som não excessivamente marcado que serve de pano de fundo a tudo e a nada, conforme o que lhe vai no pensamento.

As paredes estão repletas de quadros, como ela gosta. Não há vazios porque a vida tem de estar sempre preenchida e palpitante. Ao olhar para as várias telas, imediatamente lhe vêm à memória sítios, cidades ou aldeias distantes, mas que ali quase que ficam próximas. Os verdes de Inglaterra e da Escócia, as árvores gigantescas dos Estados Unidos ou da Dinamarca, os fiordes da Noruega por entre as encostas negras das montanhas, as casas coloridas das ruas de Lisboa com o elétrico amarelo a passar por entre elas, as cottages com telhado de colmo nas aldeias inglesas. E associado a essas imagens, surgem em pensamento as comidas típicas de cada região, desde o pudim de Yorkshire ou o Shepherd's pie ao gulash da Hungria ou da República Checa, desde o salmão dos países nórdicos ao cuscus marroquino, desde ao renque de Dinamarca ao Eisbein e às salchichas alemãs. E então a música de fundo esvai-se e o que passa a preencher a cabeça dela são os sons melodiosos e apelativos dos altifalantes no cimo dos minaretes das mesquitas a chamar para a oração; é o ritmo das músicas irlandesas nos bares apinhados de gente a cantar e a dançar, ao som do violino, da flauta, da guitarra ou do bandolim; são os sons da música celta de vários países a desfilarem dia e noite nas avenidas de Lorient, na Bretanha, durante o grande festival internacional com as gaitas de foles. São ainda os sons que ecoam nas ruas de Edimburgo durante os vários dias do Fringe em que todas as artes acompanhadas por música variada surpreendem os espectadores de rua... Mundos diferentes e todos tão absorventes que cativam e envolvem qualquer um com o seu espírito peculiar.

O mundo é lindo! Já cantava Louis Armstrong What a wonderful word!

Tocam à campainha e tudo se desvanece como num sonho. Ela levanta-se e vai abrir a porta. Que bom! É alguém que a vem visitar! E há algo que perdura no seu pensamento: What a wonderful word!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Isabel Pernes

género

POESIA PROSA

título

As andorinhas

As andorinhas

Fim de 1951, uma mãe esperava contorcendo-se a chegada do elemento mais novo da família.

Para ajudar tinha o apoio da irmã enfermeira e que estava a estudar para parteira, a quem o doutor “João Semana” da vila tinha incumbido do parto dizendo que só o chamasse se houvesse problemas.

Não se sabia quem estava mais nervosa se, a futura mãe, se a jovem enfermeira e irmã.

Às 20.04 horas ouviu-se o primeiro som de uma boquinha pequenininha. Foi limpa, agasalhada e posta de lado para a mãe ser tratada.

Primavera de 1953, Lena e os pais moravam num primeiro andar com um terraço enorme com muitas flores tratadas com esmero pelo pai.

Nos primeiros raios de sol daquela primavera a criança de cabelos encaracolados de origem, mas com um grande caracol no alto da cabeça feito pela mão da mãe, com um bibe rodado e bordado, saiu para o terraço e disse: - “cholinho lindo”!

No ano anterior ela ainda não tinha dado conta do Sol e das flores e passou a fazer grande festa nesta Primavera ao Sol.

Em frente ao terraço do outro lado da rua existiam dois lagares de vinho. Era uma construção grande em comprimento e uma atração aquando das vindimas, com as uvas a serem entregues no lagar. Não nos podemos esquecer que era tudo trabalho braçal. A construção era coberta de telhas, onde em cada telha havia um ninho de andorinhas de uns anos para os outros.

Centenas de andorinhas tinha visto a menina chegar nessa Primavera e cada uma que chegava era um deslumbramento. Se calhar também aconteceu o contrário, pois aquele terraço tão sossegado deixou de ser.

De joelhos na varanda (pois sabia o que acontecia se estivesse em pé) Lena passava horas a ver as andorinhas ou a fazer ninhos novos ou a reconstruir os existentes.

Um dia a mãe depenou um frango e deu-lhe penas para ela soltar e ver o que acontecia. Ficou maravilhada com os voos rasantes para apanhar as penas, que ela largava e levavam-nas no bico para o ninho. Não havia uma que não fosse apanhada e o encanto da Lena era enorme.

Uma das muitas penas da Lena foi ter de sair daquela casa, para vir com os pais para Lisboa e não haver mais penas e andorinhas na Primavera pelo menos para ela e para as andorinhas do telhado dos lagares. Hoje com muitos anos passados descobriu uns vizinhos novos no seu telhado um casal de milhafres pesqueiros que já chegaram e ela ouviu enquanto escrevinhava este texto.



Nova Atena

Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Desembrulhando um não



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

Desembrulhando um não

1.º Prémio - Poesia

O tempo proporciona encontros, viagens,
conversas, dissabores, rompimentos, saudades

E cada dia traz novos matizes e sons

às vezes ocultos em sombras opacas,

amiúde em mensagens claras e compactas

e por vezes em meios termos obscuros

que manipulam e dificultam a compreensão.

Mas, fica sempre o enfado e a revolta

Quando tudo é menos óbvio e claro

Do que o modo como se desembrulha um não.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Uma vez uma gota de orvalho



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

UMA VEZ UMA GOTTA DE ORVALHO

1.º Prémio - Prosa

Depois do degelo, apenas restava uma pequena gota de orvalho, que parecia suspensa no topo do pequeno ramo de urze, que se assumia como resistente ao inverno. Ao lado, todo o planalto adormecido, sem o bulício estival dos insetos e lagartixas, que se passeavam, nos resquícios de relva, nessa altura algo amarelecida. A primeira chuva, talvez extemporânea, engordou a gota e o seu novo peso, trouxe-a para o solo, onde se juntou a uma multidão de outras gotas que, entretanto, disputavam o território. Sem o saber, começava uma epopeia que lhe permitiu abalançar-se pelos caminhos sinuosos, por montes e vales, no dorso de pequenos insetos, de predadores de pequeno porte, abraçando novas gotas e descansando nos solos impermeáveis do alcatrão das estradas, nas areias consolidadas das bermas, na calçada dos passeios das cidades. A dada altura, surpreendida, foi apanhada pelos pés de uma águia e aí foi “ver mundo” ... Nunca tinha pensado que pudesse observar as montanhas, as searas, as árvores de fruto, o colorido das flores, a aspereza das pedras. Este percurso parecia um parque de diversões, onde descobria a cada momento novas texturas, sabores, odores e aquele ventinho que a fazia sentir-se livre, esperando talvez refrescar-se no dorso das vacas que pastavam pachorrentas nas lezírias e campos de trigo e centeio. Alturas ouve em que pensava que poderia evaporar-se e perder de vez todo o leite que esta viagem lhe produzia e todo o conhecimento que aos poucos vinha adquirindo. Mas, o risco real foi o contrário; sem saber como encontrou-se nos braços de um rio e lá ia ela cercada de tantas irmãs, ora calmas, ora turbilhando em cascatas de sonho, donde observava os arcos iris que o sol fazia crescer mesmo ali ao lado. Apercebia-se da beleza do percurso e para si própria suspirava por novas viagens, que lhe permitissem descobrir o resto do mundo que sentia que ainda lhe faltava descobrir. Uma abelha, apanhou-a e ia-lhe mostrando as mais belas flores e as cores fantásticas que o sol aprimorava. Nessa altura, só pensava em “boleias” que lhe permitissem ver cada vez mais mundo, desfrutar do ar puro das montanhas, da vertigem dos vales estreitos. Já não era uma gotícula qualquer, mas agora emproada e “cheia de mundo”, tentava não se misturar com outras companheiras menos interessantes, protegendo-se sob uma carapaça de secura, que apenas deixava cair em circunstâncias especiais que lhe parecessem não oferecer riscos. Certo é que nessas alturas o seu brilho ficava ofuscado e também outras gotas pareciam não procurar já o seu convívio. Aí, ganhou forças para novas viagens, pensando até no regresso ao local de onde há anos teria partido. Como estariam a relva, as lagartixas, as ovelhas que aí pastavam? Também tinha consciência que só com muita sorte conseguiria lá voltar. Desapareceria neste percurso de regresso às origens? Reveria alguns dos amigos que foi deixando aqui e ali? Descansada, a nossa gota, descontraíu-se e serenou: o que quer que lhe acontecesse não tiraria todo o prazer da viagem, da descoberta, do conhecimento, dos encontros e desencontros, das experiências vividas. Tudo tinha valido a pena. Tudo tinha cor e sabor, textura e relevo, som e silêncio... Que bom ter vivido!



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Ucrânia



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

UCRÂNIA

Mantenho a esperança da paz
Não obstante o recrudescer da guerra
Encontram-se argumentos medievais
De querela territoriais, de desígnios dos povos
Refugiamo-nos nas certezas imaculadas
E, no entanto, a guerra aí está, à nossa porta

Como todas as tragédias, começam de mansinho
A gota de água que se infiltra sob a soleira da porta
O desgaste do degrau por onde agora entra o frio,

Vão abrindo brechas nas nossas convicções
E já não pensamos na desgraça dos outros
Temendo que também possam cair sobre nós

As certezas esvaem-se, o consenso esbate-se
Hoje condenamos, amanhã não sabemos!!!
Mas, não há nada que justifique a guerra
O genocídio planeado e perpetrado

Que permita a quem quer que seja
Bombardear outros, a despeito de nada
Deixar crianças sem pais, regiões sem água
Vidas decepadas, sem direito ao porvir.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos dias!

nome

Maria da Conceição Areias

género

POESIA PROSA

título

E agora Mariana?

E agora Mariana?

3.º Prémio - Prosa

Não sei de cueiros nem de papas; Não sei canções de embalar, não sei adormecer os meus filhos. O meu colo é de pedra, do sal que o mar nele depositou!

E o teu riso alegre, honesto e seguro, de quando eras moça; agora mais gasto, já diferente mas, ainda assim, um riso limpo e genuíno

E os teus braços, onde cabia a casa, a família, o trabalho, todas as tarefas mais árduas, a luta... Mas também a alegria, a solidariedade, a esperança e o amor!

Pois homem, tudo isso acabou, é a tua cabeça a falar por mim, que me mataram! A coragem traiu-me e, eis-me tolhida, incapaz de continuar...

Bem sei que, malgrado tanto trabalho e pobreza, éramos felizes à nossa maneira.

Mas era um compromisso meu, lutar pelos direitos que nos devia uma profissão tão dura. A sirene estridente, rompia o silêncio a qualquer hora da noite e, nós, operárias, corríamos, de longe ou de perto, chovesse ou gelasse, descalças, de xaile a atamancar a roupa mal vestida. Era a chegada do peixe e, as primeiras a chegar garantiam o dia de trabalho, já que nem sempre havia para lugar todas.

Depois eram oito, dez, doze horas a fio, de pé, a amanhar o peixe: descabeçar, cortar, cozer, enlatar, embrulhar, empilhar, numa cadeia e cadência imparáveis, até ao produto final, a conserva, tão apreciada dentro e fora da nossa terra; e que enricava os patrões à custa deste trabalho desumano e escravizante.

Sim Mariana, sem horários, sem domingos e feriados, sem férias, sem um salário justo e regular.

Admirei a tua firmeza e a tua determinação mas, receei sempre pelas represálias.

Não te bastava ter trabalho? Havia quem o não tivesse.

Homem, sobrou a dignidade. Que vida é esta, sem tempo para viver?

O medo, a pressão, a injustiça, a discriminação entre salários dos homens e das mulheres para o mesmo trabalho, a pobreza, sempre a pobreza...

Mas Mariana, sobrou para quem? E para nós? Quando voltares a ti, vou abraçar-te, pegar-te nos braços e levar-te para a nossa casa e aliviar-te de trabalhos, de filhos, da tua lida.

Homem, que sabes tu disso? Tu o disseste e, a boa vontade não chega; falta-te o jeito, o treino, o hábito.

Estorvavas mais do que ajudavas e, eu preferia mandar-te para a taberna, para te distraíres com os outros pescadores, sabendo que não te encharcavas na bebida...

Agora já não vale a pena levantes-me, que me mataram.

Mariana mexe-te, não te vás; aquilo foi uma ameaça, não foi um tiro. Mas a GNR não me deixou passar para trazer-te comigo. Descansavas uns dias, eu não ia ao mar e tu recuperavas a tua vivacidade, a tua vontade de viver, a tua alegria, a tua energia de sempre.? As pessoas bem-intencionadas são confiantes; tu não esperavas maldade da parte deles!

Sim, homem, não esperava. Foi um tiro, que me desventrou e me partiu o coração em dois: uma parte que quer ficar e outra que se vai. Resta-me confiar que a luta não será inglória, as operárias conserveiras hão-de ter direito a melhores condições de trabalho e de vida.

Parto exangue, perco as forças para me despedir de ti, dos filhos. Que me perdoem ir-me cedo demais e roubar-lhes o colo, o peito, o carinho, a mãe que sou.

Mariana, não te vás, vem deitar-te ao meu lado e traz-me de volta o teu cabelo, agora tão sujo de terra e de sangue, onde eu mergulhava aos serões quando não partia para o mar, porque eram feitos das mesmas ondas e cheiravam a maresia...

Nota final: Ficção baseada na greve de 1911, numa cidade de significativo desenvolvimento da indústria conserveira, onde Mariana Torres, operária conserveira, foi assassinada pela GNR ao encabeçar uma greve.



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



nome

María da Graça Cêncio

género

POESIA PROSA

título

Em busca do Norte

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



EM BUSCA DO NORTE

Há quem procure o Norte
Em busca da sorte.
E porque não o sul
Onde o céu é azul?
Há quem perca o Norte
Quando se desencaminha.
Terá ido para Oeste
Onde o sol se aninha?
Há quem procure o Este
De onde o sol emerge
Em busca de energia
Conforto e alegria.
Há quem viva sem rumo
Num rodopio constante
Sem saber o que procura
Numa busca incessante.
É a bússola que nos guia
Ou somos nós que escolhemos
Os caminhos que percorremos
No raiar de cada dia?



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria da Graça Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

Um homem tem que viver cheio de luz

UM HOMEM TEM QUE VIVER CHEIO DE LUZ

O negrume da noite não facilitava a tarefa do Zé, naquela hora de aflição. Eram duas horas da madrugada, chovia a cântaros, estava um frio de rachar, mas precisava palmilhar a distância que faltava até à casa da Ti Maria, a parteira já entradota que era a mulher mais desejada nestas ocasiões. Ela já tinha perdido a conta ao número de crianças que tinha aparado.

A sua jovem mulher estava de esperanças, pela segunda vez e a hora tinha chegado. Estavam bem ferrados no primeiro sono quando ela começou às voltas e reviravoltas na cama. As dores eram cada vez mais fortes e não havia tempo a perder.

Pelo caminho, o candeeiro a petróleo estava sempre a apagar-se. Mal conseguia ver onde punha os pés. Nem conseguia controlar os tremores com medo que tudo se voltasse a repetir. Parecia que tinha sido na véspera que aquilo acontecera, mas já tinham passado três anos. Ela só tinha vinte anos. Viviam numa aldeia do interior, sem médico, mas os nove meses tinham corrido bem. Quando chegou a hora, a Ti Maria fez tudo o que pôde, mas a natureza é rainha e senhora. Só restava a esta parteira de mão cheia, sábia e maternal, consolar esta jovem mãe que nunca iria amamentar os seus rebentos. Eram dois rapazes gémeos, siameses e sem vida. A Ti Maria já tinha visto muita coisa. O que podia ela fazer para consolar aquela jovem mãe que não tinha sido preparada para esta desgraça? Tinha sido muito protegida pelos pais. O seu único irmão tinha ido estudar porque era homem, mas ela, que nascera mulher, devia saber cuidar da casa, aprender costura e bordados. Ficara destroçada com esta fatalidade e jurara que nunca mais iria ficar grávida. A natureza trocou-lhe as voltas e, mais uma vez, a hora chegara.

A custo, o Zé conseguiu chegar a casa da Ti Maria. Bateu à porta com as forças que ainda lhe restavam. Ouviu a voz do homem da casa, zangado, a perguntar quem era o atrevido que o acordava àquela hora da noite. Com a voz embargada disse quem era e ao que vinha. A boa da Ti Maria vestiu qualquer coisa, pôs o xaile e apressou o Zé. A Ti Maria desta vez tinha fé porque a alminha do Padre Cruz estava com elas.

A chuva tinha cessado e o sol nascia encorajador. Era uma menina perfeitinha. Zé beijou a sua menina e sentiu que daí em diante iria viver cheio de luz.



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



nome

María da Graça Cêncio

género

POESIA PROSA

título

O Tejo da minha vida

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

O TEJO DA MINHA VIDA

2.º Prémio - Poesia

Nasceste em Albarrocín
E correste até mim.
E depois de passar as Portas
Ensinaste-me a nadar
Quando mal sabia andar.
Na Quinta da Cardiga
Adolescente atrevida
De sonhos embevecida
A ti contava segredos
Aspirações e medos.
Contigo aprendi a remar
Em tuas águas afogar
Desejos ardentes de amar.
Na foz amadureci
Decidida a ficar aqui
Assim como te prometi.
E repousarei para sempre
Em teu leito envolvente
Em eterno encantamento.

Maria da Graça Cêncio

POESIA PROSA

Levou-me um livro em
viagem

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

LEVOU-ME UM LIVRO EM VIAGEM

Gostava de ser um livro p'ra passar de mão em mão
 Poder sair de Lisboa e chegar a Roterdão.
 Dizer adeus à Estação Central
 E partir para o Nepal.
 Despedir-me de Kathmandu
 E seguir para o Peru.
 Deixar Matchu Picchu
 E voar para Istambul
 P'ra visitar a Mesquita Azul.
 Contemplar na África do Sul
 O Cabo da Boa Esperança.
 Depois seguir para França
 Para esquiatar nos Alpes.
 De novo mudar de ares
 E continuar a viajar
 Por lugares de encantar.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

Vivas(VV) à vida valiosa(VV)

VIVAS (VV) à VIDA VALIOSA(VV)

Era uma vez uma humanidade que recebeu da Criação um lindo e maravilhoso Planeta Azul para seu desfrute. Implicitamente a sua manutenção e estima, eram requisitos imperativos e expectáveis.

Contudo, não tendo percebido a grandeza e dimensão de tal oferta, descurou o que era essencial e o lindo Planeta, aos poucos, foi-se fragilizando e adoeceu. Tornou-se vulnerável e, como acontece com qualquer corpo vivo, foi invadido pelo inimigo que, com muita perspicácia e determinação, rapidamente cresceu e impôs regras drásticas de medo, doença, morte. A Humanidade assustou-se, parou, ficou confinada, refletiu, repensou e interpretou o significado de tantas alterações nas suas vidas. Concluiu que perpetuando os velhos hábitos, produziria os velhos resultados! Algo pedia mudanças! Percebeu ainda, que vivendo num Planeta de dualidade, tinha sempre a escolha entre duas opções disponíveis: **Via Verde** ou **Via Vermelha**. Tornava-se evidente o cuidado e necessidade da escolha adequada, que conduzisse a novos e desejáveis resultados!

A **Via Verde** – ecológica, sustentável, harmoniosa, construtiva, vibrante, verdadeira; Via de Vida.

A **Via Vermelha** – insustentável, caótica, destrutiva, velha, vil; Via de morte.

A escolha recaiu em **VV (VVerde)** - luz da Esperança, luz que alimenta e vivifica; Via da construção, da harmonia, da sustentabilidade, contudo, caminho que exige coragem para romper com algumas crenças instituídas. A Humanidade focou-se na autenticidade da Alma, acreditou na mudança pedida, na metamorfose da lagarta que aspirava a borboleta livre, emergindo do casulo limitativo e castrador, onde os velhos hábitos produziram os velhos resultados...A batalha foi feroz, mas o sentimento da vitória do Bem Maior impulsionou e estimulou a que a **Via Verde** fosse a Via eleita para a conquista de Novos e Melhores Resultados. A superação foi conseguida e terminou com um Final Feliz.

Enfatizei **VV** símbolo de Aquário, em homenagem muito sentida e de profunda gratidão ao alvorecer da Nova Era, onde se ganhará verdadeira consciência da importância do individual sobre o coletivo (os acontecimentos a nível global já são provas inequívocas). Agora, tempos de mudança, de redefinição, de fé em infinitas possibilidades que nos aguardam e que dependerão das nossas decisões e opções de **Via**. Fé, Foco, Disciplina, Determinação, Confiança, Paciência, Compreensão, Esperança; ingredientes fundamentais para nos reerguermos vitoriosamente na oportunidade de Reconstrução e Crescimento a não perder. O Planeta Terra irá mudar. A Felicidade será possível. A essência da **VV** sustentável e harmoniosa conduzirá ao FF (Final Feliz). A Humanidade a integrar a mensagem e conhecimento do propósito evolutivo e simbolicamente o caminho da **Via Verde** a produzir Novos Resultados para Bem do Todo que se deseja seja eterno. ViVas à VidaValiosa .





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Luísa Machado
Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Gaivotas

2º Prémio - Prosa

GAIVOTAS

Hora do regresso! As gaivotas, cumprem a sua rotina diária. Oiço-lhes o canto vespertino...

Tarde de primavera. O azul do firmamento olha-nos salpicado do algodão das nuvens alvas que nem a espuma das ondas da praia a escassos metros de mim neste aconchego de mais umas férias pascais. Um novo passo na corrida do tempo, outro ano a dobrar a esquina da vida. Bom sinal! Vitória da saúde possível sobre a turbulência dos menos bons e dos melhores momentos para cá chegar, poder aqui estar hoje, serenamente, estendendo o olhar mar adentro, calmo como calmas estão as águas no marulhar harmónico da sua música, da sua permanente dança. Um combinado perfeito, um tributo à natureza.

Os últimos dias foram tempestuosos. Uma invernía tardia após longa seca que deixou o país cheio da sede com que agora engole avidamente a água benfazeja da desejada chuva.

Regressado, o sol brilha a anunciar um quente poente, tranquilo, como também tranquilo é o bando de gaivotas que atravessam os ares resvés sobre a praia em direção ao oceano, detendo-se a planar ali mesmo em frente. Uma, duas, três, a pique! Outra e outra, a pique! Cardume pela certa! Hora da pescaria, do repasto sem angústias, sem delongas. Assim se repete o seu dia a dia, pela manhã e ao entardecer. Profissão, emprego, salário, aquisição de bens e serviços, nada! Nada disso é preciso. Unicamente carecem do que a sobrevivência impõe, da capacidade de viver com o naturalmente oferecido: adaptação ao meio, conhecimento dos recursos, apenas as competências necessárias e suficientes para cumprirem os vinte anos tidos como a sua probabilidade de vida. Em poucos momentos esvoaçarão para os seus esconderijos na alta falésia circundante na busca do sono reparador que as trará de volta a cada novo dia. Entretanto, satisfeitas, calcorreiam o areal de bico no ar, atentas ao movimento humano, afastando-se das pessoas e passeando descontraidamente sob o calor dos últimos raios de sol, laranja, cor de fogo. Uma cor de fogo de bem-estar que, nos tempos que correm, rapidamente é difícil não associar a outras de profundo mal-estar, longe, noutros meridianos.

A eventual cor de fogo telúrica, sem que nela o ser humano tenha algum poder, se uma receada erupção vulcânica emergir da crise sísmica anómala que tem vindo a ocorrer em São Jorge, Açores, na zona mais povoada da ilha, a Vila das Velas e os sacrificados lugares das Manadas e Urzelina devastados pela crise de 1808. Que sofrimentos para a ilha, para o arquipélago, para o país?

A cor de fogo bélica como a que queima a Ucrânia desde 24 de fevereiro findo, fruto da mão humana e da crueldade de um déspota apoiado pelos seus correligionários, a cor dos bombardeamentos, da guerra e ânsia de poder, da disputa de fronteiras e extermínio de povo e nação. A cor do fogo que coloca o mundo em sobressalto e o nosso futuro coletivo em questão.

Tomba o dia, é bela a luminosidade e por ali andam as fiéis companheiras. Pacíficas aves, inteligentes, sociáveis, cuidadoras entre si, senhoras do seu território, sem disputas. Até com o humano lidam em paz! Sois exemplo, sois hino à comunicação e organização social! Sois gaivotas!!!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Luísa Machado
Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Inolvidável Sensação



Nova Atena
Saberes e Bem-Estar

3.º Prémio - Poesia

INOLVIDÁVEL SENSACÃO

Tarde amena, água serena, pés molhados

Mar tépido, beijando a areia, gratificante bem-estar

Doce ondear, ternurento vaivém, inolvidável sensação

Abençoado prazer o corpo invade,

Uma banalidade

Não fora no mundo a atrocidade

Que outro valor faz dar ao bem que se tem,

Olhando algures noutra lugar o desvario de quem tudo tira

Tudo destrói, tudo deixa sem nada nem ninguém!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Luísa Machado
Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Para um novo dia



PARA UM NOVO DIA

Era a natureza na sua pujança
O jogo da água-sol a enriquecia
Ontem soalheira, ria
Hoje ensombrada, chovia
Os elementos cumpriam
A longa e dolorosa seca extinguíam.
Finalmente consciencializado,
O agressor, o humano,
Outro olhar ganhara
Extremado que andava o clima,
Para um novo dia caminhava
A crise ambiental reconhecia!!!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Luísa Machado
Rodrigues

gênero

POESIA PROSA

título

Nascia!



NASCIA!

Clareou a aurora, os campos floresceram

Trinaram os pássaros, rejubilou a primavera.

De energia cheia

A ideia tornada realidade, despontava

Nascia!

Na liderança, duas afoitas mulheres

Empreendedoras, lutadoras, com fé e esperança,

Formiguinhas, por nove dezenas de criaturas acompanhadas

Todas voluntariamente em ação, incansáveis, resilientes

Obreiras!

Obra que vingou, que cresceu, *teenager* aniversariante, orgulhosa...

Catorze anos repletos de vivências na promoção do bem-estar e saber,


Às adversidades alheia, perseverante, destemida, em contínua atividade

Lúdica, acadêmica, artística, literária e solidária, obra plena,

Um exemplo em união e afetos, tão só e apenas

Nova Atena!!!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

CREPURIZÃO. OS GARIMPEIROS DE OURO

Saímos bem cedo de Santarém, do Brasil, num pequeno avião com destino a um outro mundo, algo diferente. Nem sabíamos o que nos esperava, apenas que desejávamos ir e guardar na imagem uma certa gente remota.

A densa Amazônia, ainda com raras grandes clareiras das queimadas dos dias de hoje, passava devagar lá em baixo, num verde muito escuro, e eu imaginava a onça pintada, a sucuri, o caimão, a perereca, o mico-leão, a arara, que só têm olhos para a sua vida, movendo-se entre as árvores, escondendo-se nos rios, voando com o seu par, atacando com surpresa uma refeição essencial. O céu escurecido, cor de chumbo ameaçador e, num momento único, rebentou a trovoadas assustadora. O avião com uma dúzia de passageiros, mulheres na maioria, balançava perigosamente. Nada a fazer, dizia o comandante, que as coisas estão na mão de Deus. Tapei a cabeça com o casaco para os meus olhos não verem a aflição dos outros.

Aterrámos numa pista térrea, bem inclinada, de um lugar chamado Crepurizão. Gente que espera o avião para receber correio e encomendas feitas há muito; outros, que vão começar vida nova, mostram um ar inquieto. Que futuro? Os meus três companheiros de aventura esperaram por uma carrinha de caixa aberta para transporte do material que levávamos. Mais rápida, fui à boleia de um senhor com mota barulhenta, divertida, agarrada à grande barriga do condutor que me deixou ao pé do rio, no fim da única rua de terra batida. Era necessário arranjar um barquinho de fundo chato que nos levasse pelo Rio Crepuri acima, ou abaixo, para filmar os garimpeiros de ouro de que nos tinham falado. E também um lugar para dormirmos duas noites. Nós e os muitos mosquitos. Hotel? Pois foi o Palace... Crepurizão é uma rua comprida de terra avermelhada, com casas de um lado e outro, como um filme antigo do farwest; índios, negros, cafusos, brancos, mestiços, sorrisos de dente de ouro vão vivendo por ali. Prostituição, barracas de jogo do bicho, armarinho Tapajós, anúncios de carne de sol, lojinhas de compra de ouro com balança afinada, salão de beleza, homens sentados à espera, crianças que conhecem já os caminhos. Alguma miséria que se olha de soslaio para não ofender.

A tempestade chegou ali mesmo naquela tarde. Relâmpagos caíam no rio com raios e muito estrondo. Tal como as casas da rua, o hotel era de tábuas de madeira que deixavam passar linhas de luz fraca e mosquitos pequeninos. As traseiras davam para um barranco de lixo com restos de água parada. A ventoinha do quadrado do quarto girou as duas noites, incansável, numa tentativa de afastar os invasores, mas sem efeito.

De manhã, depois de um mata-bicho e a trovoadas acalmada, lá fomos no barco. Rio com grandes pedras redondas como cabeças de gigante... sai do barco ... puxa o barco ... entra no barco ... as águas castanhas de tanta terra remexida pelas grandes mangueiras aspiradoras que os catadores de ouro usavam e o som dos motores, barulhentos. Na margem de uma quase praia, uma jangada, um panapaná de borboletas verde-alface pousadas e, lá estava a gente que procurava ganhar algo na vida. Com fato de mergulho remendado ou sem ele, mergulhavam agarrados às mangueiras. Disseram que alguns não conseguem regressar e vimos neles, no silêncio, os olhos curiosos e medrosos pela nossa presença. O patrão, conhecedor do seu papel principal, sentado debaixo de um toldo de plástico azul forte, de lápis e papel na mão, aguardava os homens e o proveito do dia. Filmámos, conversámos, vimos e regressámos. Pobre mundo. Pobre natureza. O ouro é uma utopia.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes